

DOSSIÊ TEMÁTICO DO 22º COLE – ARTIGOS

A POTÊNCIA DE ESPAÇOS COMO EJA E CRAS PARA UMA NOVA LEITURA SOBRE A CONDIÇÃO DA MULHER

THE POWER OF SPACES SUCH AS EJA AND CRAS FOR A NEW READING ON THE CONDITION OF WOMEN

EL PODER DE ESPACIOS COMO EJA Y CRAS PARA UNA NUEVA LECTURA SOBRE LA CONDICIÓN DE LA MUJER

Susana Angelin Furlan¹
Débora Sara Ferreira²

Resumo: Este artigo traz reflexões acerca da narrativa de duas educadoras-pesquisadoras. Ancora-se metodologicamente pela pesquisa autobiográfica e pesquisa narrativa, dispondo-se a olhar à condição da mulher. Ao transitar pelos espaços da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), as indagações, no que concerne à nossa condição e de todas as mulheres, tornam-se evidentes. À primeira vista, estes espaços não apresentam os mesmos objetivos, porém, ao se encontrarem, discursivamente, no grupo de pesquisa ESCRIARTE, evidenciou-se que eles poderiam ser potentes, no sentido de proporcionarem leituras sobre a condição da mulher, em dinâmicas que envolvam as duas instituições. Partimos, assim, de importantes reflexões proporcionadas por um amplo arcabouço cultural, como o livro “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus, o conto “uma galinha” de Clarice Lispector, a música “Desconstruindo Amélia”, interpretada pela cantora Pitty, e o curta-metragem “Vida Maria”, dirigido por Márcio Ramos.

Palavras-chave: Narrativas; condição da mulher; empoderamento.

Abstract: This article brings reflections about the narrative of two educators-researchers. It is anchored, methodologically, by autobiographical research and narrative research, and it is available to look at the condition of the woman. As we move through the spaces of Youth and Adult Education (EJA) and the Social Assistance Reference Center (CRAS), the questions, with regard to our condition and all women, become evident. At first sight, these spaces do not present the same objectives, however, when they meet, discursively, in the research group ESCRIARTE, it was evidenced that they could be powerful, in order to provide readings about the condition of the woman, in dynamics involving the two institutions. Thus, we start from important reflections provided by a broad cultural framework, such as the book "Room of eviction" by Carolina Maria de Jesus, the short story "a chicken" by Clarice Lispector, the song "Desconstruindo Amelia", performed by singer Pitty, and the short film "Vida Maria", directed by Márcio Ramos.

Keywords: Narratives; woman's condition; empowerment.

Resumen: Este artículo trae reflexiones sobre la narrativa de dos educadores-investigadores. Está anclado, metodológicamente, por la investigación autobiográfica y la investigación narrativa, y está disponible para observar la condición de la mujer. A medida que avanzamos por los espacios de Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) y el Centro de Referencia de Asistencia Social (CRAS),

¹ Universidade Estadual Paulista, Campus IB.

² Universidade Estadual Paulista, Campus IB.

las preguntas, con respecto a nuestra condición y a todas las mujeres, se hacen evidentes. A primera vista, estos espacios no presentan los mismos objetivos, sin embargo, cuando se encuentran, discursivamente, en el grupo de investigación ESCRIARTE, se evidenció que podrían ser poderosos, con el fin de proporcionar lecturas sobre la condición de la mujer, en dinámicas que involucren a las dos instituciones. Así, partimos de importantes reflexiones aportadas por un amplio marco cultural, como el libro "Habitación de desahucio" de Carolina María de Jesús, el cuento "un pollo" de Clarice Lispector, la canción "Descosnruindo Amelia", interpretada por la cantante Pitty, y el cortometraje "Vida María", dirigido por Márcio Ramos.

Palabras clave: Narrativas; condición de la mujer; empoderamiento.

Devaneios iniciais

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a condição da mulher a partir da experiência de duas educadoras-pesquisadoras que tiveram, como lugares de pesquisa, dois espaços distintos³: uma sala de aula do 5º ano da Educação de Jovens e Adultos – EJA, em uma escola pública, na cidade de Rio Claro – SP, bem como o Centro de Referência de Assistência social – CRAS, localizado em Capivari, interior de São Paulo.

Entendemos que esses espaços suscitam discussões – que serão narradas ao longo deste texto– que permitem refletir acerca dos modos de ser, ou de tornar-se mulher, nos dias atuais, em um diálogo intenso com a história cultural (CHARTIER, 2002). Este artigo é resultado de oficinas-poéticas realizadas na Educação de Jovens e Adultos-EJA, bem como de observações dos grupos socioeducativos dos espaços do CRAS. A metodologia empregada foi a pesquisa autobiográfica e a pesquisa narrativa, em que o diferencial em relação a outras metodologias se encontra no poder de narrar histórias, interpretar e dar sentido ao que vivemos (DELORY-MOMBERGER, 2011). A pesquisa narrativa, segundo Oliveira e Satriano (2017), é fruto de um ser humano criativo e ativo no ambiente em que se encontra, capaz de uma leitura de si e do mundo que lhe permita diferentes análises de contextos sociais e emocionais.

Optamos pela pesquisa narrativa e autobiográfica, porque tais caminhos metodológicos nos ajudam a refletir sobre os modos de ser ou de tornar-se mulher, por meio das narrativas de mulheres, tendo por base as oficinas realizadas com as estudantes da/na EJA, bem como as observações realizadas no CRAS, com as mulheres usuárias dos programas sociais, e que estavam nos grupos dos relatos que ouvimos, vimos e nos embasamos. Salientamos que a reflexão acerca de nossa condição está imbricada neste texto-poema, afinal somos mulheres que escrevem sobre mulheres e, sobre si mesmas...

A narrativa, segundo Benjamin (1994, p. 205), é uma “forma artesanal de comunicação”, ou seja, ela não visa a ser um relatório formal de tudo o que aconteceu, mas contar a realidade a partir de um observador. Sendo assim, vai ao encontro do que pretendemos aqui apresenta, pois visa a entender uma realidade específica (condição da mulher) a partir de duas observadoras-mulheres que partilham suas histórias e refletem sobre um tema.

Como base teórica às observações, apresentam-se os conceitos da Psicologia Cultural. Nessa vertente, entende-se que a narrativa deve ser fruto da construção mental do narrador, “uma conexão entre o singular e o universal na qual se pode abstrair o sentido atribuído” (OLIVEIRA; SATRIANO, 2017, p. 383). São vários os campos de saber que contribuem com elementos para este estudo e proposições de análise, ressaltando que este trabalho favorece tomada de posição que possibilita mudanças tanto para as pesquisadoras como para as mulheres participantes, bem como para a interlocutora que tem acesso ao debate narrado, contribuindo

³ Pesquisas aprovadas pelo comitê de ética número: 28105220000005465.

para a emergência de um sujeito relacional, ou seja, daquele que é compreendido através das relações que estabelece com outros indivíduos.

Na pesquisa narrativa, bem como na autobiográfica, identificamos que, ao contarmos histórias, em muitas situações nos colocamos como narradoras, sendo assim, é possível compreender que a autora e narradora são a mesma pessoa. No caso específico deste artigo que apresentamos, as narrativas das mulheres da/na EJA, bem como das mulheres do CRAS, irão se imbricar em nossa própria narrativa, pois, de acordo com Oliveira e Satriano (2017, p. 372): “não se nasce sujeito, se constitui um”. Sendo assim, a fluidez é a marca do texto, visto que o inusitado e a (re) leitura fazem parte da história narrada.

As diferentes condições das mulheres: o CRAS como espaço(s) de interlocução e (re)invenção de si

Chamo-me Susana, sou professora de educação física da rede municipal de Capivari e doutoranda do programa de pós-graduação em educação do Instituto de biociência Unesp, em Rio Claro. O interesse de pesquisar o Centro de Referência à Assistência Social surgiu enquanto trabalhava no local, no período que antecedeu meu ingresso na pós-graduação. Neste espaço, descreverei aspectos de minha pesquisa, ao narrar as experiências de observação de mulheres que se encontram no CRAS e cuja narrativa mostra diferentes condições de ser mulher hoje.

A equipe do CRAS conta com psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, e profissionais da educação física, onde, no ano de 2018, fui a profissional de educação física. Segundo a Secretaria Especial de Desenvolvimento Social (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2015), o CRAS é a porta de entrada da assistência social. Um local público, localizado nas áreas de maior vulnerabilidade social, que tem por objetivo fortalecer a convivência com a família, bem como a comunidade. O CRAS promove a organização e articulação das unidades da rede socioassistencial e de outras políticas, pelo que possibilita o acesso da população aos serviços, benefícios e projetos de assistência social, tornando-se referência para a população local e para os serviços setoriais.

Os grupos socioeducativos me despertaram particular interesse, porque eram grupos, em que as discussões, que eram planejadas e mediadas pelos profissionais, ajudavam a problematizar questões da vida e dar certa autonomia nas decisões. Na primeira fase da minha pesquisa de doutoramento, observei os grupos e participei das discussões. Presenciei grupos de adolescentes, de crianças, de adultos e idosos. Os temas que surgiram nas discussões foram: condição da mulher, suicídio, masculinidade frágil, violência doméstica, entre outros.

Destaco, primeiramente, a exibição do curta-metragem intitulado *Vida Maria* (2006), dirigido por Márcio Ramos. Cabe salientar que, em dois momentos distintos, o filme foi socializado com dois grupos diferentes: o grupo do Renda Cidadã – composto na ocasião por apenas um homem; e o grupo de Adolescentes – composto por 7 homens e 7 mulheres. O objetivo dessa socialização foi a discussão acerca de como as mulheres são retratadas no documentário, bem como da vida como um ciclo, e assim pensar nos modos de ser ou tornar-se mulher nos dias atuais, em um constante diálogo com a história das mulheres.

Nesse caminho, faz-se preponderante contextualizar o programa do Renda Cidadã. Salienta-se que é um programa de transferência de renda do governo do estado de São Paulo e tem, por objetivo, atender famílias em situação de pobreza, com renda mensal familiar de até meio salário-mínimo. As ações devem ser integradas aos serviços de Proteção Social Básica dos CRAS. Os beneficiários do programa devem: garantir a presença (75% de assiduidade) das crianças entre 6 e 15 anos na escola; comprovar as vacinações obrigatórias; e controlar a frequência nas ações complementares oferecidas pelo CRAS. Essas ações complementares são

atividades que buscam ampliar a oportunidade de desenvolvimento de proteção e inclusão social, sendo serviços socioeducativos, e o apoio à formação e capacitação.

A primeira narrativa que socializarei ocorreu em um desses serviços socioeducativos que visam a estimular o diálogo, as trocas de experiência e a construção de novos saberes. Ao serem indagadas pela assistente social acerca da vida de Maria, a mulher do curta-metragem apresentado, muitas mulheres compartilharam suas inquietações.

Dona Lurdes afirmou que conseguiu romper com o ciclo das mulheres que não conseguem estudar. Ela conta que veio do Maranhão, muito nova, e que começou a estudar quando chegou em Capivari, mas, por depender de ônibus, visto que morava na área rural, o seu pai a proibiu de estudar para ajudar a sua mãe. Em contrapartida, disse, ainda, que os irmãos homens puderam estudar. Há de se destacar que, pelo fato dela ser mulher, teve de ficar em casa. Hoje, se orgulha, porque todos os filhos estudam, inclusive suas duas meninas. Ela não sabe ler e escrever e afirma que “não é ninguém”, mas as filhas serão “alguém na vida”.

No momento do depoimento de Dona Lurdes, muitas mulheres que estavam no grupo concordaram e disseram que ocorreu a mesma coisa com a mãe, ou com uma mulher da família, ou com elas próprias. No debate, a assistente social reafirma que é difícil romper com o ciclo da condição da mulher: não ter “autorização” para estudar e ter de ficar em casa e cuidar dos trabalhos domésticos, bem como das crianças menores.

Uma das mulheres participantes, Verônica, refletindo acerca do documentário acima citado, afirma que é como preconceito, quando só as mulheres é que têm que ficar em casa e cuidar dos filhos. Ela relata muita dificuldade para cuidar deles, porque seu marido não a ajuda com a sua educação e nem com os serviços domésticos. Relata que conseguiu, com muita dificuldade, fazer a laqueadura (procedimento médico para esterilização) na sua última gravidez, e se mostrou indignada, pois, o médico pediu uma autorização do marido, feita à mão, para que, enfim, pudesse aprovar a cirurgia.

As discussões partiram de relatos e caminharam a conclusões. Somente com estudos e discussões, as mulheres podem sair da condição de, apenas, “donas de casa”, para fazer algo que realmente querem, como muitas relataram. A vontade de saber ler e escrever, por exemplo, como relata Dona Lurdes, significa um modo de se sentirem “alguém” na sociedade que tem voz e vez.

O estudo intitulado “Bolsa Família, autonomia feminina e equidade de gênero: o que indicam as pesquisas nacionais?” de Bartholo, Passos e Fontoura (2017) discute a relação do papel feminino nos programas sociais que têm no CRAS ações complementares. Destaca que a titularidade feminina dos programas é embasada em análises empíricas que entendem que a mulher utiliza o dinheiro em prol de toda a família. Acredita-se no uso instrumental da mulher pelo Estado como forma de demonstrar a eficiência do governo e, ainda, de reforçar o papel feminino de cuidado. A mulher é colocada, desse modo, com a responsabilidade de mediar a relação entre o Estado e a família, o que se justifica sob o argumento de que elas conhecem melhor a necessidade da família.

Nesse sentido, temos as exigências da área da saúde e educação, que geram um aumento da responsabilidade e elevação do tempo gasto pela mulher nas atividades de cuidado, ao atribuir somente para ela essas funções. A educação demanda grande tempo, deslocamento para levar e buscar os filhos na escola, reuniões, bem como a saúde, que requer, ainda, longas esperas nos locais de atendimento da saúde pública brasileira, além da necessidade de adequação aos seus horários de funcionamento (BARTHOLO; PASSOS; FONTOURA, 2017).

Porém podemos mencionar que a renda direcionada à titularidade da mulher pode ampliar a sua decisão e gerar autonomia em relação aos gastos. A provisão de renda pela mulher vem como contraponto à divisão sexual do trabalho, em que o dinheiro é obtido, tradicionalmente pelo homem. Com essa renda, e seus afazeres, a mulher fica sem tempo para outros trabalhos, mas há de se considerar que se o trabalho que teria de fazer para conseguir o mesmo valor fosse

em situações degradantes e com condições financeiras sem razoabilidade, o benefício flexibilizaria as jornadas mais árduas ou liberaria desses trabalhos, além de permitir sonhos e expectativas de mudança de vida, que pode incluir sair de relações conjugais falidas.

Dessa forma, é relevante trazer, em debate, que a mulher quer ser reconhecida para além dos cuidados maternos, sendo assim, a renda em seu nome traz mais benefícios do que malefícios, levando-se em conta a condição destas mulheres nos dias de hoje: sendo um público de baixa renda, que deve ir aos grupos do CRAS e participar de suas ações.

A segunda narrativa a ser destacada é o momento em que o curta-metragem foi socializado para a discussão com um grupo de adolescentes. Salienta-se algo interessante: havia a mesma quantidade de meninos e meninas. A discussão ocorreu de um modo diferente: algumas adolescentes disseram entender a situação da “Maria” relatada no curta-metragem, mas que as experiências delas eram diferentes.

Uma das meninas, chamada Tereza, relatou que aquela situação – não poder estudar para ter que ajudar em casa – poderia ter ocorrido com a sua mãe, mas que não era a sua realidade. Ela pensava em ser professora e, assim, estava estudando para que, depois, pudesse fazer uma faculdade de pedagogia, e que um marido não poderia impedi-la. Ela entende que o mundo atual, ainda, é machista, mas que as mulheres podem fazer o que quiser. Elas foram relatando suas perspectivas de futuro e traçando um paralelo com o documentário compartilhado: são meninas que se posicionam nesse debate e entendem que, por meio do estudo e do trabalho, podem ter uma realidade diferente.

Conhecemos a história de Vitória, uma menina de 12 anos que foi expulsa de casa após ter engravidado do seu namorado. O caso já era conhecido do CRAS, e Vitória participa do grupo de mães e filhos que busca aproximar o laço maternal, que tem de ser fortalecido, cuidado. A gravidez na adolescência é um assunto que tem sido debatido com aprofundamento e, nesse dia, as mediadoras procuraram falar sobre as perspectivas de futuro, as responsabilidades e os problemas que a maternidade que traz. Muitos adolescentes começam a repensar algumas falas.

Nos grupos, que visitei, conforme a pesquisa foi sendo realizada, percebi que a presença masculina era menor, salvo, nos casos, grupos de adolescentes e crianças, em que essa presença era relativamente igual à feminina. Em grupos como renda cidadã, alfabetização, artesanato, e mães e filhos (grupo exclusivo para o público feminino), grupos de família, a presença masculina era, de fato, muito menor.

No grupo dos adolescentes, estava presente a discussão que tange ao relacionamento abusivo, que foi um assunto aprofundado em uma apresentação realizada pelos mediadores do grupo socioeducativo. Salienta-se que esse assunto foi levantado pelas meninas, quando elas discutiam sobre o machismo em nossa sociedade. Nesse dia, no grupo, presenciei uma discussão acalorada sobre o que eles e elas entendiam desse tipo de relacionamento, bem como as mudanças possíveis na nossa sociedade, ao analisar a condição da mulher e do que a sociedade espera dela. As discussões, cheias de questionamentos e representações acerca dos modos de ser mulher, foram perpassadas, muitas vezes, pelos meninos, e tratadas como “mimimi”. Nessa discussão, foram socializadas algumas matérias sobre feminicídio e sobre como a mulher é vista na sociedade, em que sempre é considerada submissa, mas que, na qual, aos poucos, vai empoderando-se.

Empoderar é uma palavra denominada pela Organização Mundial da Saúde – OMS (1998), como um processo social, cultural psicológico ou político, através do qual indivíduos tornam-se capazes de expressar suas necessidades, explicitar suas preocupações, perceber estratégias para uma tomada de decisão em qualquer esfera de sua vida, para tomar decisões que satisfaçam suas necessidades. As mulheres, nesse debate conduzido pelo CRAS, poderiam identificar sinais e até sair de relacionamentos abusivos, identificando-os nas primeiras pistas.

Penso que ter acesso às narrativas de diferentes mulheres no CRAS, me fez repensar a minha própria condição como mulher, e entender o CRAS como um local de emancipação de mulheres,

visto que, conforme aponta Djamila Ribeiro (2017), é necessário ouvir o outro e ouvir o que é o lugar do outro a partir da consciência do seu lugar e dos seus privilégios, para que, assim, possamos discutir e combater as desigualdades sociais que levam, também, a diferentes condições de ser mulher hoje.

As oficinas-poéticas na Educação de Jovens e Adultos enquanto espaço de (re)invenção da própria história

Chamo-me Débora, sou professora na rede municipal de Limeira – SP e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro. Meu interesse pela temática das mulheres surgiu na feitura do meu projeto de mestrado, bem como das minhas vivências com mulheres do PEJA (Projeto de Educação de Jovens e Adultos) da Unesp de Rio Claro, durante a minha graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

O PEJA é um projeto de extensão universitária da UNESP de Rio Claro que tem por objetivos desenvolver atividades de ensino para pessoas com escolaridade incompleta; promover a formação de educadores entre alunos da graduação; e gerar conhecimentos no campo da educação de jovens e adultos, a estreitar laços entre ensino, pesquisa e extensão, pilares fundamentais da universidade pública. Foi na extensão universitária que desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS: uma análise de suas práticas cotidianas”⁴. O projeto inicial tinha por objetivo refletir sobre as diversas formas e táticas (CERTEAU, 1994) cotidianas de ler e escrever por pessoas pouco escolarizadas, no contexto do SUS. O estudo referido foi realizado com uma educanda do projeto que se chama Dona Cleide.

Por esse trabalho, foi possível conhecer a vida de uma mulher idosa que se dizia e se via como “analfabeta” e que voltou aos estudos na idade adulta, ao procurar o projeto de extensão. Dona Cleide, que foi proibida por seu pai de ir à escola no período regular, afirmava que tinha uma vontade imensa de voltar a estudar. Cabe salientar que a pesquisa foi desenvolvida por meio de um diário – um caderno “quase” escolar –, em que ela escrevia cotidianamente; também tabulamos conversas – em uma entrevista aberta –, que nos proporcionaram conhecer a sua história e seus embates cotidianos.

Por meio das atividades, durante os encontros, Dona Cleide escrevia cotidianamente sobre questões que lhe saltavam aos olhos, desde os motivos de estar no PEJA até atividades do dia a dia, que considerava importante registrar. Apesar das dificuldades em ler e escrever, ela não se calou e, em um ato de resistência, escreveu a “sua vida” no caderno. Acrescenta-se a isso que a entrevista realizada possibilitou conhecer um pouco mais de sua história. Ao ser perguntada sobre o porquê de não frequentar a escola em período regular, Dona Cleide afirmou que seu pai dizia que escola era para homem e que “menina-moça” cresce, aprende a escrever e faz cartas para namorado. Em suma, este foi o motivo expresso por Dona Cleide: não tinha permissão do pai para estudar. Nesse momento, por essa fala específica, foi possível compreender os embates que ela enfrentara para frequentar a escola no período regular. Saliento que, a partir desta história, comecei a refletir acerca da condição das mulheres pouco escolarizadas.

Após a feitura do meu TCC, já referido acima, iniciei meu Mestrado em Educação na Unesp de Rio Claro – SP. A partir de minhas inquietações, que permeavam a condição de vida das mulheres no Brasil afora, e em constante diálogo com minha orientadora, decidimos que meu projeto de mestrado seria realizado no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, e que o objetivo inicial seria o de refletir sobre a condição das mulheres, a partir das narrativas daquelas

⁴ O Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado ao Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia, em 2016, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo e coorientação da Prof.^a Dr.^a Eliane Bacocina. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155743>.

que se encontrassem na sala de aula. A pesquisa de campo foi iniciada no mês de abril de 2018. Nesse momento, muitas indagações me atravessavam, pois era recorrente minha insegurança em realizar uma pesquisa de campo em um lugar novo, com pessoas diferentes. Fui surpreendida pela vida: aquele grupo de mulheres marcou a minha formação enquanto pesquisadora, educadora e ser humano. Posso afirmar que, nunca, esquecerei da minha pesquisa de mestrado, pois ela está imbricada em minha vida.

Como anunciado no início desse artigo, partilharei minhas inquietações e devaneios que têm relação com a condição da mulher, a partir das oficinas poéticas realizadas em uma sala de aula do 5º ano da Educação de Jovens e Adultos – EJA, em uma escola pública, na cidade de Rio Claro – SP. Essa relação entre o que foi produzido, enquanto narrativas das mulheres participantes do estudo, bem como da minha própria condição enquanto mulher e pesquisadora, será o fio condutor desse breve relato. As oficinas-poéticas já mencionadas acima foram intituladas: *Imagens que produzem sentidos, que produzem vida*; *Imagens que vazam: histórias contadas por mulheres*; *Um olhar-vida para o conto Uma Galinha de Clarice Lispector*⁵, *Desconstruindo Amélia, desconstruindo-me...*⁶; *Respeita as mina: uma reflexão sobre a música*⁷; *Partilhando afetos: Quarto de despejo*⁸. Saliento que, por questão de ordem, não será possível trazer todas as oficinas poéticas no decorrer deste texto, porém elas se encontram disponíveis na minha dissertação de mestrado, já disponível no repositório da Universidade Estadual Paulista⁹.

Na oficina poética intitulada “*Imagens que produzem sentidos, que produzem vida*”, foi possível, por meio de imagens de mulheres ocupando espaços em diversos setores da sociedade, conhecer a vida das participantes do estudo, bem como acerca das opressões por elas vivenciadas. Após a breve apresentação das imagens, conversamos acerca dos papéis que as mulheres, atualmente, ocupam na sociedade. Perguntei às educandas se elas percebiam mudanças nas atividades que as mulheres realizam nos dias atuais, quando pensamos no passado e fazemos uma comparação. Mais que depressa, Franciele se manifestou:

Em Minas Gerais, tem uma região no Sul, que as mulheres saem lá de Minas Gerais e vem trabalhar no cafezal, tudo braçal. Eu sei disso aí, porque eu morava lá e eu vinha no ônibus, é tudo braçal. Onde a máquina não vinha, elas vêm e trabalham. Quer dizer, mudou muita coisa? Não mudou tanto assim, né? (FRANCIELE, 2018).

Naná, também, expressou a sua opinião sobre as mudanças atuais nas atividades das mulheres:

Que agora eles estão dando mais oportunidade para a mulher, né? Porque tem muitas empresas que não dá oportunidade pra mulher: “ah! mulher não sabe fazer isso”, e, se for ver, a mulher se dedica mais que certos tipos de homens, né? Eu acho. Porque, tipo lá atrás, no tempo da minha avó e da minha mãe, era difícil encontrar uma mulher dirigindo transporte. Hoje tá mais fácil; de vez em quando você vê uma mulher no ônibus, uma mulher na carreta; já tá

⁵ *In: Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 33-36.

⁶ *DESCONSTRUINDO Amélia*. Intérprete: Pitty. Compositores: Mário Lago e Ataulfo Alves, Interpréte: Pitty. Deckdisc, 2009, 1 CD.

⁷ *Respeita as Mina*” é primeiro single da cantora Kell Smith, lançado no Dia Internacional da Mulher. *In: RESPEITA as minas*. Intérprete: Kell Smith. Compositor: Kell Smith. Midas Music, 2017, 1 CD.

⁸ Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

⁹ A Dissertação intitulada “*Ser ou tornar-se mulher- por entre a Educação de Jovens e Adultos-EJA, a vida, o narrar e o reinventar de si*” foi apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo. Disponível em: [ferreira_ds_me_rcla.pdf](https://repositorio.unesp.br/handle/11362/44444) (unesp.br).

mais. Mas não é bem fácil de chegar até aonde elas tão. Aí você vê um carro ali que não sabe nem estacionar numa vaga, e cabe dois carros, você olha e é um homem. Aí falam: aí eu achei que era uma mulher! Aí, dá uma raiva! Aí, teve um acidente! Só podia ser mulher, né? (NANÁ, 2018).

Ao indagar acerca das oportunidades para as mulheres, percebe-se que há várias leituras por parte das participantes, como os trechos transcritos acima apontam. Franciele acredita que não mudou muito, e Naná entende que os tempos são outros, bem como as oportunidades para as mulheres.

Já na oficina poética intitulada “Um olhar-vida para o conto Uma galinha de Clarice Lispector”, foi possível compreender as apropriações e leituras de mundo das mulheres, a partir do conto de Clarice. As educandas haviam afirmado que não se sentiam seguras ao realizar leituras muito extensas, portanto levei o conto dividido em partes, para que cada uma pudesse ler um fragmento.

Em um primeiro momento, houve a distribuição dos trechos, que estavam numerados na sequência, para facilitar a leitura. Nesse encontro, Naná e Franciele compartilharam, um pouco mais, de suas histórias. Quando refletimos sobre a analogia presente no conto: Uma galinha, da Clarice, muitas questões surgem. A galinha tinha fugido, porém foi capturada para servir de almoço. Quando, com medo da situação, bota um ovo, tudo muda, e a família começa a valorizá-la. Podemos pensar na questão da maternidade, em que a sociedade, por meio dos discursos, supervaloriza aquelas mulheres que se tornam mães. As mulheres que optam por não ser mães sofrem o preconceito de uma sociedade com raízes patriarcais. Franciele compartilhou a sua história e a opressão que sofria do ex-marido, comparando-as à situação de prisão da galinha. Ela, também, compartilhou um pouco mais da história de sua família:

Estou escrevendo uma história para o professor de português, e eu estou escrevendo a história da minha mãe, pensando a vida da minha mãe, que aconteceu na vida da minha mãe. Minha mãe, até de facão ele (referindo-se ao ex-marido de sua mãe) batia na minha mãe. A minha mãe tinha marca nas costas dela, atrás, de facão, ela mostrava pra nós. Quando ele tinha raiva dela, sabe aqueles facão? Não era facão, era podão, que falava aquela época, aquele mais largo assim, né? Porque era assim: na época ela casou com ele, tinha treze anos. E aí só foi tendo filho, filho, filho... Ela teve onze filhos com ele. E ele era assim: ele saía para as farras, ele era cantador de viola, ele ia, fazia as cantorias dele, lá ele arrumava duas, três muié, ficava com elas e quando enjoava, voltava pra dentro de casa. A minha mãe era obrigada a aceitar, se ela não aceitasse, ela apanhava, ele batia nela! E assim foi, até ela inteirar os onze filhos; quando ela inteirou os onze filhos, que ela viu que a situação dela estava muito difícil: ela perdeu dois casal de gêmeos, de fome, porque ele não trazia comida pra dentro de casa, dava para as outras mulheres, mas não dava pra eles, né? Aí o que ela fazia? Para não ter mais filho, que não tomava remédio naquela época nada, né?; aí era assim: eles dormiam em rede, lá no Ceará a maioria não tem cama, é só na cidade, você vai na roça, lá é tudo rede. Aí o que ela fazia: quando era dia, que os meninos falavam assim: "mamãe, eu vi papai na cidade"; aí, o que ela fazia: ela catava todas as redes dos filhos dela, colocava tudo dentro das bacia com água e colocava tudo os menino pra dormir com ela, pra ele não dormir com ela. Para ela não poder ter mais filho (FRANCIELE, 2018).

Através do forte relato de Franciele, é impossível não rememorar as histórias das mulheres de minha família e os embates que elas enfrentaram na vida. É possível, por meio deste relato, compreender como as histórias de mulheres próximas a nós nos atravessam poeticamente. E movimentam a nossa vida...

Após a leitura compartilhada do conto, perguntei às educandas: saberia a mulher, naquela época, lidar com a própria liberdade? Franciele, mais que depressa, respondeu:

Eu acho que não, ela está tão acostumada com aquilo, tipo: quando a gente fica muito presa a uma coisa e fala assim: "que a gente não consegue!" Eu, por exemplo, meu filho fica brigando comigo: "mãe, vc tem de resolver a vida da senhora!" Mas é que eu não tenho o costume, tudo era meu marido que fazia. E como que a mulher faz? Aí, agora, de pouquinho em pouquinho, que a gente vai pegando, lá atrás (referindo-se ao passado), era também desse jeito elas não dariam conta! Porque elas não tinham nem pra onde ir, não sabiam nem o caminho que tinham de tomar para começar a vida delas (FRANCIELE, 2018).

Através da leitura do conto realizada pelas mulheres estudantes, é possível compreender a relação que se estabelece com o que é lido e com o que é vivido. Saliento que essa relação se torna potente e poética, na medida em que dispara reflexões sobre a própria vida, bem como embates acerca da condição das mulheres. Nessa direção, compreendemos a importância do encontro com a literatura em sala de aula. Pode a literatura ser um instrumento de reflexão e emancipação?

Nesse caminhar de vida e poesia, torna-se impossível não afirmar que essa temática de pesquisa está imbricada em minha vida. Ao tecer as linhas poéticas do meu estudo, se faziam imprescindíveis a reflexão sobre a minha vida e os meus embates enquanto mulher. Essa relação do meu estudo com a minha própria vida me fez compreender as injustiças e opressões que eu passava e passo, bem como a história das mulheres de minha família. A força das mulheres, vozes que se interconectavam nas reflexões sobre a minha condição, nas diversas vozes de mulheres do meu entorno, como da minha família e as mulheres estudantes da EJA, bem como das autoras e autores que embasaram o estudo, foram como fios poéticos e éticos que trouxeram potência para a pesquisa já referida nesse texto. Quando iniciei as leituras para a feitura poética deste texto, não fazia ideia da amplitude dessa temática. Nesses momentos de encontros e leituras, era impossível não refletir sobre a minha condição de mulher. Portanto, meu olhar foi se modificando e se transformando no decorrer das leituras-encontros. Tecer reflexões acerca das condições da mulher é, de fato, um exercício de resistência. Digo isso, pois os tempos se fazem sombrios para as sonhadoras como eu. E sonhar tem sido um exercício de resistência...

Portanto, nesse pulsar de inquietações e compreensões acerca dessa temática, é impossível não indagar, como fica a vida depois do conhecimento? Como tecer reflexões sobre a condição da mulher, estando nessa condição? É possível um distanciamento do que estudamos, quando influencia diretamente em nossa vida?

No caminho, indagações. Tantas...

Devaneios finais: a Educação de Jovens e Adultos – EJA e CRAS como espaços de formação política de mulheres

No que tange aos trabalhos pedagógicos realizados, é possível aproximar sentidos e significados acerca de ser ou tornar-se mulher, em um diálogo intenso com a História Cultural, e que são revelados a partir dos relatos das mulheres presentes no CRAS e na EJA, bem como refletir na relevância da formação política de mulheres. Sendo assim, algumas aproximações com autores contribuíram para compreensões acerca das práticas discursivas que permeiam a condição da mulher, como apresentadas pelas próprias participantes. Chartier (2002) traz algumas reflexões sobre as percepções do mundo social. O autor afirma que tais imposições são produzidas por discursos que não são neutros: "As representações do mundo social assim construídas, embora

aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam” (p. 17). Sendo assim, ao produzir estratégias e práticas, alguns grupos tendem a impor suas concepções, valores e domínio sobre outros grupos, como podemos observar nos relatos acima, que remetem a relações tensas entre situações de opressão vividas e a tomadas de decisão. Que espaços podem ser pensados com vistas a essas condições (im)postas?

Ainda nessa direção, é possível compreender que, ao seguir certos padrões de submissão impostos desde o início do patriarcado, as mulheres estão de acordo com a “ordem das coisas”. São naturalizados discursos que ditam regras, no que concerne ao feminino (mulher nasceu para ser mãe, mulher deve ser dona de casa, os estudos não são necessários), e imposições chegam como inerentes a eles, portanto essa lógica de domínio dispensa uma justificação. Bourdieu (2016, p. 21) afirma que “a divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’ como se diz, por vezes, falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável”. O autor caracteriza o que vem a ser a violência simbólica: é uma violência suave, invisível, e até mesmo insensível; ela não vem com alarde.

Através de representações cristalizadas no imaginário das pessoas, podemos avançar nas indagações e reflexões acerca do feminino. Nessa direção, Tedeschi (2012) trata das representações acerca do corpo feminino, e que carregam grande influência dos filósofos. De acordo com o autor, Platão e Hipócrates argumentavam, pautados em Aristóteles, que a inferioridade das mulheres era proveniente do corpo “frio”, sendo elas, portanto, frágeis por natureza, motivo pelo qual deveriam ficar presas nos intramuros da domesticidade. Essas “verdades” inquestionáveis perpetuaram-se durante muito tempo. Podemos compreender que as mulheres, de uma forma ou de outra, (re)existiram nas pluralidades do cotidiano, e isso é uma questão que se faz potente e pertinente, quando conhecemos a história das mulheres. A construção dos discursos, ao longo da humanidade, que resultam em práticas culturais e representações dos modos de ser da mulher, em que a docilidade e os cuidados com a família são constitutivos de uma “natureza” feminina, é um caminho para pensarmos a questão da maternidade.

Nessa direção, devemos observar que não podemos cair na armadilha de acreditar que a maternidade é igual para todos os grupos de mulheres, pois a experiência da maternidade se faz diversa, de acordo com o contexto social em que as mulheres estão inseridas. Mas as representações acerca da maternidade como um “dom divino”, sendo as mulheres consideradas, em alguns períodos da história, como “seres místicos”, estiveram presentes durante o decorrer da humanidade, e essas construções acerca dos modos de ser da mulher as confinaram nas atividades voltadas para o lar.

É através das representações cristalizadas no imaginário social, no que concerne à condição da mulher, que podemos avançar nas indagações e reflexões acerca de temáticas que trazem à superfície pontos que conectam quem narra às suas palavras que compõem temas que, de certo modo, escapam aos discursos sintonizados com uma visão de dominação. Neste caminho, é possível refletir sobre a relevância de articular e (re)pensar os espaços educativos e políticos, para que as mulheres possam ir ao encontro do conhecimento, refletir acerca da própria condição e reinventar a vida, se necessário. Casos como os explicitados por mulheres da Educação de Jovens e Adultos como Franciele, Jhenny, Naná, Ágata e Paty, ou, no Centro de Referência à Assistência Social, como Dona Lurdes, Verônica, Tereza, Vitória e tantas outras...

Nesse caminho, temos que, por meio da pesquisa realizada na EJA, bem como do trabalho realizado no CRAS, tecer reflexões acerca da condição da mulher, por ela mesma, bem como da relevância das oficinas poéticas, enquanto um espaço privilegiado do ato de narrar. Como oficinas poéticas, consideramos modos de narrar que tomam corpo a cada encontro, num contínuo dialógico entre integrantes de um grupo que se constitui, porque há problemáticas que as/os afetam intensamente, mediadas por materiais culturais que disparam manifestações subjetivas intensas e trazem à superfície, sentidos do vivido e da vida. Lembrando, com Rancière (2002), que a partilha de vida e poesia é um ato de emancipação intelectual

Referências

- BARTHOLO, L.; PASSOS, L.; FONTOURA, N. 2331 Bolsa família, autonomia feminina e equidade de gênero: o que indicam as pesquisas nacionais? *In: Texto para discussão IPEA*. Brasília / Rio de Janeiro: IPEA, set. 2017. Acesso em: 07 fev. 2021.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. Trad. S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano, vol. 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Algés/Portugal: Difel, 2002.
- DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. *Educação em Revista* [online], v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/xhw4bbpW3HZkPQZhTtWLCbH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2021
- MINISTÉRIO DA CIDADANIA. Secretaria Especial de Desenvolvimento Social. Centro de Referência de Assistência Social. *Centro de Referência de Assistência Social – Cras*. [S. l.], 22 jun. 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/cras>. Acesso em: 04 dez. 2018.
- OLIVEIRA, V. M.; SATRIANO, C. R. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 23, n. 51, p. 369-386, jun. 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. *Glossary of health promotion terms*. Geneva: World Health Organization; Division of Health Promotion; Educations and Communications; Health Education and Health Promotion Unit, 1998.
- RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- TEDESCHI, L. A. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. UFGD: Dourados-MS, 2012.
- VIDA Maria, Direção: Márcio Ramos, Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 2006. 1 vídeo (8 min e 35 seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_hum4&t=15s.

Sobre as autoras

Susana Angelin Furlan. Graduada em Educação física pela FCT-Unesp, campus de Presidente Prudente, graduada também em Pedagogia pela Unicesumar. Mestrado em Educação pela FCT-

Unesp campus de Presidente Prudente e doutoranda em Educação pelo Ib-Unesp, campus de Rio Claro.

E-mail: susanaangelin20@gmail.com.

Débora Sara Ferreira. Graduação em Pedagogia pelo IB-Unesp, campus de Rio Claro, Mestrado em Educação pelo Ib-Unesp, campus de Rio Claro e Doutoranda em Educação pelo Ib-Unesp campus de Rio Claro.

E-mail: dsaraferreira@gmail.com.